



Fiz vários longos *trekkings* pelos Himalaias, passei 40 dias junto com 30 *sherpas* fazendo um curso de guia de montanha na região dos Annapurnas, viajei três meses de bicicleta de Katmandu ao Ladakh, no norte da Índia e vivi um mês no monastério de Tushita, em Daramshala. Lá fiz um curso residencial de filosofia budista, que confirmou o que eu já sentia ao meu redor pelos lugares de cultura budista: tratava-se de uma sabedoria prática, voltada à busca de felicidade e com grande ênfase em compaixão. Nos anos que vieram, mais e mais, me senti atraído por esta filosofia até que um dia comecei a me sentir budista.

Depois de alguns meses na Austrália, estava de volta à estrada. Por seis meses percorri de bicicleta Nova Zelândia, Tahiti, Ilha da Páscoa, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Mais uma vez senti que esta é a melhor forma de se viajar — onde cada quilômetro é saboreado, onde cada paisagem é descoberta lentamente.

Em 1992 comecei minha vida de empresário de turismo e guia. Minha missão: oferecer o mesmo tipo de experiência que eu tinha tido. As viagens culturais e de aventura se seguiram viagens temáticas de budismo, filosofias, paisagismo e yoga.

Nesses anos descobri budismo, meditação e yoga, instrumentos que usei para tentar me tornar um ser humano mais equilibrado, mais compassivo, mais tolerante. Caminhei pelas trilhas de Nepal, Índia, Paquistão, Butão, Austrália, Nova Zelândia, Bolívia, Peru, Chile e Equador, lugares que fizeram meu coração bater forte. Escalei montanhas nevadas e descobri a profunda felicidade de chegar em um cume há muito sonhado. Desci rios por remotas áreas do Nepal e encarei desafios onde, mais do que nunca, aprendi que sonhos associados a disciplina, organização e determinação podem nos levar a atingir metas aparentemente impossíveis. E continuo sonhando...

Há anos guio grupos em viagens de *trekking* ou escalada. Por mais de 40 vezes percorri as trilhas do Khumbu, a região do Everest, dividindo minha paixão com muitas pessoas. Nessas ocasiões, ao pôr do sol, a apenas oito quilômetros do Everest e vendo claramente o Colo Sul, a pequena sela que une o Everest ao Lhotse, o ponto de partida para a última etapa da escalada da maior montanha da Terra, eu pensava: o que será que os escaladores sentem lá em cima? Solidão? Medo? Ansiedade ao encarar seu destino e seus sonhos? Naquela época, eu também sonhava com a experiência.

Agora, tendo escalado o Cho Oyu, a sexta montanha mais alta da Terra, e o Everest, o ponto culminante do planeta, já sei algumas respostas. Ao escrever este livro quero dividir o que senti, sofri e vibrei durante os anos em que planejei, sonhei, treinei e finalmente realizei o projeto de estar com meus pés no topo do mundo.

artes
e Ofícios



Em *Sonhos Verticais*, Morgado conta sua profunda experiência da escalada do Cho Oyu, seu “primeiro 8 mil”. Mas não se contenta só com isso, em busca de evolução parte como um peregrino para o Everest, mostrando que para quem tem fé e está disposto a aprender, nem o sonho de escalar a maior montanha do mundo é inatingível.

Waldemar Niclevicz

Desde muito cedo viajar para mim foi uma grande paixão. A partir dos 14 anos comecei a viajar pelo sul do Brasil, de carona, acampando em praias ainda desertas do litoral de Santa Catarina. Logo passei a me aventurar mais longe, e aos 17 anos fiz minha primeira grande aventura, indo passar um mês entre Bolívia e Peru.

Nos anos seguintes conheci Argentina, Chile, Uruguai, Equador e Colômbia. Apesar deste ser um sonho quase impossível, na época estava cursando medicina na Escola Paulista de Medicina, prometi a mim mesmo ter, no futuro, esse tipo de experiência.

Me formei, fiz residência e em 1983, antes de iniciar minha vida profissional, resolvi viajar por um ano e meio. Encontrei oposição da família, apreensão dos amigos e um certo receio por minha carreira. Fui para a Europa, seguindo depois para a Ásia.

Nunca esquecerei meu desembarque em Colombo, capital do Sri Lanka, vindo do frio glacial de Moscou, em dezembro. Um mundo novo com uma forma de pensar, de ver o mundo, totalmente diferente. Segui para Índia, Nepal e Bangladesh. Foram experiências fortes, duras, marcantes. Era 1984 e eu estava pronto para voltar ao Brasil e trabalhar como médico.

Por cinco anos trabalhei as duras horas de um médico em começo de carreira. Fiz paraquedismo, explorei trilhas, viajei de moto e voltei a viajar pela América do Sul.

Aos poucos, a vontade de viajar por mais tempo foi voltando, junto com meu desencanto, não pela profissão, mas pela qualidade de trabalho e pela minha função como médico de periferia, onde os problemas são muito mais sociais do que médicos.

Em 1989 embarquei rumo ao Nepal, dessa vez com a intenção de não voltar mais. Eu não tinha um plano, estava aberto para o que a vida me apresentasse.